

Produto barato e inspirado no petróleo

Regiane Oliveira

Governo ainda não definiu orçamento para o CTBE, mas as metas são ambiciosas

O Laboratório Nacional de Ciências e Tecnologia do Bioetanol (CTBE), localizado em Campinas, foi lançado no final de janeiro pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com uma missão: desenvolver novos produtos no ciclo cana-de-açúcar/etanol, que sejam comercialmente competitivos.

"Nossa unidade industrial tem como foco fazer álcool com o bagaço e a palha da cana e a proposta é que ela sirva para o escalonamento de processos industriais", explica Marco Aurélio Pinheiro Lima, diretor do CTBE. Isto significa abrir uma porta entre a pesquisa da universidade e a aplicação em si, para evitar que experiências bem sucedidas em laboratório não funcionem quando migrarem para o industrial.

O CTBE convidou a Embrapa para coordenar a parte agrícola das pesquisas, uma vez que a empresa é líder mundial no plantio direto de grãos, como soja e milho. "Este conhecimento é importante na cana de açúcar", afirma Lima. Além disso, tem acordo com o "Laboratório de Energia Renováveis do Colorado, nos Estados Unidos, a Imperial College, de Londres e a Universidade de Lund, na Suécia. No país, participam dos estudos a Universidade de Caxias no Sul e o Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais.

Os planos de Lima são ambiciosos. Entre as linhas de atuação do CTBE está o desenvolvimento de uma biorrefinaria de etanol. A motivação está na indústria do petróleo. "Eles são bem sucedidos porque fazem muitos produtos a partir da mesma matéria-prima", explica o pesquisador. "Com a cana-de-açúcar se faz açúcar, álcool e geoeletricidade. O que mais podemos fazer?"

Orçamento

Planos à parte, o CTBE ainda não conta com um orçamento definido. Por enquanto, o Ministério da Ciências e Tecnologia investiu R\$ 69 milhões na infraestrutura do laboratório. O recurso almejado pelos pesquisadores é da ordem de R\$ 50 milhões por ano, um valor pequeno se comparado com instituições internacionais de pesquisa. "Não é alto, mas é focado em uma só área, o que nos dá chance de ajudar a avançar muito as pesquisas", diz Lima. "

O pesquisador afirma que vem sendo feito um esforço planetário no desenvolvimento do álcool de segunda geração e que o Brasil não deve temer a concorrência externa. "Ele só será viável se ficar competitivo como o de primeira geração", diz.

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 12 fev. 2010, Primeiro Caderno, p.7.